

# Bolsonaro reforça retórica inflamada; redes mobilizam base contra Supremo

— Presidente participa de eventos em Brasília e no Rio, onde ocorrem ações militares pelo bicentenário da Independência, e estimula campanha digital contra risco de ‘comunismo’

SAMUEL LIMA  
GUSTAVO QUEIROZ  
DAVI MEDEIROS

Candidato à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) transforma, hoje, o bicentenário da Independência em ato político-partidário mesclado a festividades cívico-militares. Com participação prevista em eventos em Brasília e no Rio, Bolsonaro reforça a retórica inflamada e aponta ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), em meio à campanha, como principais adversários.

Na capital federal, o clima era de tensão ontem. O presidente pediu a liberação da Esplanada dos Ministérios para caminhões – os veículos estavam vetados. Caravanas com apoiadores chegaram à cidade e montaram acampamento. Em Brasília e no Rio, estão previstos eventos militares e em paralelo atos de apoiadores, nos quais o presidente deve subir em trios elétricos para discursar.

Bolsonaro voltou a criticar os ministros Alexandre de Moraes e Edson Fachin, em sábado da Jovem Pan. As falas surtiram efeito, nas ruas e na internet. Apoiadores do presidente pediram “intervenção militar” em Brasília, enquanto nas redes sociais cresceram menções e buscas por termos relacionados a integrantes da Corte, comunismo e antipetismo.

No ano passado, o mandatário chamou Moraes de canailha, em ato na Avenida Paulista – que não o recebe neste ano, mas será mais uma vez palco de atos. Recentemente, Bolsonaro convocou a base para ir às ruas “pela última vez”. Ontem, queixou-se de Moraes, relator de uma série de investigações que incomodam aliados. Além disso, o ministro está à frente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e faz defesa firme do sistema eleitoral, posto em xeque pelo presidente.

**CRÍTICAS.** À Jovem Pan, Bolsonaro disse que as decisões de Moraes são “irregulares, ilegais e inconstitucionais”, reclamou da relação com o ministro e demonstrou ressentimento. “Quantas vezes conversamos e alguns dias depois ele volta ao que era antes?”, questionou. “Ele levou o convite para mim, eu fui à posse (no TSE)



Apoiadores do presidente acampam em local próximo a Brasília; faixa estendida pede destituição de ministros da Suprema Corte

e ele fez um discurso pesado.”

O presidente disse, ainda, que convidou os empresários que afirmaram preferir um golpe de Estado, em conversas no WhatsApp, a uma vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Eles foram alvo de operação da Polícia Federal autorizada por Moraes. “Eu convidei os oito empresários para estarem comigo amanhã (hoje), aqui, no 7 de Setembro. Se não for possível, que vão para o Rio de Janeiro”, disse o presidente.

Na capital fluminense, Bolsonaro subirá no trio elétrico do pastor Silas Malafaia. A mistura da eleição com eventos militares preocupa. Questionado pelo Ministério Público Federal (MPF) sobre medidas adotadas para evitar manifestações político-partidárias no 7 de Setembro, o Exército negou propósito eleitoral nas comemorações. De acordo com o general Sérgio Borges de Medeiros da Silva, chefe do Estado-Maior do Comando Militar do Leste, que engloba o Rio, serão “demonstrações cívico-militares de amor pelo Brasil”.

**ARMAS.** Fachin, por sua vez, foi criticado por suspender trechos de decretos de Bolsonaro que afrouxam o acesso a armas e munições. “Zero. Não concordo em nada com o senhor Fachin”, declarou o chefe do Executivo, à Jovem Pan. “Acabando as eleições, a gente resolve a questão dos decretos

**“Eu sei que muita coisa vai acontecer ali, todas pacíficas, mas o mais importante é que vão falar em eleições limpas. Qual é o crime nisso?”**

**“Quantas vezes conversamos e alguns dias depois ele (Alexandre de Moraes) volta ao que era antes? Ele levou o convite para mim, eu fui à posse (de Moraes no TSE) e ele fez um discurso pesado.”**

**Jair Bolsonaro (PL)**  
Presidente e candidato à reeleição

em uma semana. Todo mundo tem que jogar dentro das quatro linhas da Constituição. Acabando as eleições, eu sendo reeleito, a gente resolve esse e outros problemas.”

O Estadão acompanhou trocas de mensagens em grupos públicos no Telegram e WhatsApp nos últimos dias. Políticos ligados ao governo têm propagado ataques ao STF em paralelo à convocação para os atos de 7 de Setembro, como forma de desoporaar “arbitrio” de membros da Corte. Nas redes bolsonaristas, a decisão sobre os decretos foi explorada para convocar apoiadores nas horas que antecederam os atos de hoje.

**REDES.** Dados do Monitor de Redes Sociais, do Estadão, mostram que o comunismo e o discurso antipetista foram marcas da mobilização digital deste ano, assim como a participação mais ativa do presidente e seus aliados. No Twitter, o número de menções ao Dia da Independência e variações na última semana praticamente triplicou, passando de 137 mil para 386 mil posts. O ritmo aumentou com a proximidade do ato, incluindo recorde de menções diárias desde o início do levantamento no começo de agosto: foram 110 mil tuítes até as 19h30 de ontem.

Essa alta veio acompanhada do incremento de outras buscas na plataforma, criada em parceria com a empresa Torabit. Em uma semana, o termo “comunismo” ficou 38% mais popular no Twitter, enquanto as menções ao TSE e ao STF e seus ministros cresceram na ordem de 57%. Todas as comparações foram feitas com o intervalo de 31 de agosto a 6 de setembro em relação aos sete dias anteriores. O número é puado, nessa ordem, pelo trio Moraes, Luís Roberto Barroso e Fachin. Mas, nos dias 5 e 6 de setembro, após a suspensão do decreto de armas, o terceiro nome foi o mais citado.

De acordo com relatório da pesquisadora Ana Júlia Bernardi, doutora em Ciência Política pela UFRGS e professora da Fundação Escola de Sociologia

e Política de São Paulo (FESPSP), as principais pautas da manifestação bolsonarista são semelhantes às do ano passado. Além de ataques contra os ministros do STF e a “ditadura de toga”, destacam-se a narrativa de que Bolsonaro tem mais apoio popular do que o demonstrado nas pesquisas, o discurso antissistema e o antipetismo, que apelam à intervenção.

Segundo o relatório, as redes bolsonaristas concentraram 76% dos posts no Twitter, Facebook e YouTube sobre o evento entre os dias 14 de agosto e 4 de setembro. O estudo realizou uma análise estatística sobre uma amostra de 384 posts, de um total de 91,8 mil, com intervalo de confiança de 95%. A imprensa é responsável por cerca de 8% dos conteúdos, enquanto os opositores respondem por 16%. Dados indicam que a mobilização bolsonarista para a data cívica este ano está mais acentuada do que em 2021.

“Por ser ano eleitoral, existe tentativa das redes, principalmente daqueles que são candidatos, de não atacar diretamente o Supremo, a democracia e as instituições, ao mesmo tempo que outra parcela de apoiadores está indo para o 7 de Setembro como se fosse um tudo ou nada”, disse Ana Júlia. “Vai depender muito da condução do presidente, se isso vai deslaminar para um protesto mais ou menos radical.”

COLABORARAM ANDER PORCELLA, RAYSSA MOTTA E WESLEY GALZO

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

**Seção:** Política **Caderno:** A **Página:** 8